



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11329 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

AS CONTRIBUIÇÕES DAS EDUCADORAS NEGRAS PARA O ENSINO, PARA A PESQUISA E PARA A EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: AO ENCONTRO DA MEMÓRIA E DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DOS PERCURSOS TRILHADOS.

Eunice Lea de Moraes - UFPA - Universidade Federal do Pará

Introdução. Trata esta comunicação sobre a pesquisa “As contribuições das educadoras negras para o ensino, para a pesquisa e para a extensão da Universidade Federal do Pará: ao encontro da memória e da experiência histórica dos percursos trilhado”. A pesquisa está em andamento (2020-2022). A problemática levantada nessa investigação epistemológica versa sobre as desigualdades de gênero e raça que abrange fenômenos sociais de diferentes dimensões, que embora possuam relação, compõem esferas distintas de análise acerca do acesso à educação, ao mercado de trabalho, aos rendimentos, ao emprego formal, ao local de moradia, entre outras dimensões. Dessa feita, busca-se com essa pesquisa refletir sobre o papel da intelectualidade negra acadêmica, em especial das mulheres negras educadoras e produtoras de conhecimento científico, nos espaços acadêmicos nos últimos anos, a despeito dos obstáculos e da sub-representação no cenário de atuação profissional da realidade brasileira. Assim sendo, buscamos repensar o saber acadêmico, no pensar, atuar e transformar a realidade objetiva, desigual e discriminatória das relações sociais de poder, questionando a universidade brasileira, sobre a negação da representação das diferenças da identidade de gênero e étnico-racial, como um espaço da diversidade que compõe a população do país. O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de construção da trajetória acadêmica das professoras negras da UFPA, por meio da narrativa de suas histórias de vida pessoal, como sujeitas sócio históricas da população negra e profissional no ensino, na pesquisa e na extensão do Campus Universitário do Guamá, em Belém, verificando as raízes históricas de suas existências e suas relações com o fenômeno das desigualdades sociais, de gênero e raciais do Brasil.

Percurso metodológico. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa está baseada em aportes epistemológicos acerca da referida temática – valorização dos conhecimentos subjugados, lutas e resistências das mulheres negras e, de uma abordagem qualitativa, “que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (SEVERINO, 2016, p.124). A pesquisa, se utiliza da visão do materialismo histórico-crítico-dialético onde o fenômeno é visto na totalidade, “as raízes deles, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais.” (TRIVIÑOS, 1987, p.130). Assim, a investigação é realizada via um Estudo de Caso denominado História de Vida, envolvendo 10

professoras auto declaradas negras, do Campus Universitário do Guamá, em Belém, como uma unidade de análise aprofundada, determinada por suas características, principalmente, pela sua natureza e abrangência da unidade, a fim de contribuir com a compreensão e análise dos princípios e pressupostos epistemológicos da formação universitária. Também, envolvendo estudantes bolsistas e voluntários do curso de graduação em Pedagogia e Serviço Social da UFPA, com o intuito de aprofundar alguns aspectos epistemológicos do fenômeno do racismo e do sexismo, entrelaçados no processo de formação e produção acadêmica. Considerando a necessidade de levantar e sistematizar estudos, a investigação perpassa, na etapa inicial, por um levantamento e estudo bibliográfico sobre a temática; na segunda etapa, foi adotado o questionário como instrumento de construção de informações para investigar a história de vida dos sujeitos e a técnica de entrevista por aprofundar mais a história desses sujeitos investigados. Será utilizada como interação entre pesquisadora e pesquisadas, a entrevista não diretiva dialógica que “visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”. (SEVERINO, 2016, p.133), com 10 professoras negras da UFPA.

Discussão e resultados. Historicamente, as mulheres negras têm sido as maiores vítimas das desigualdades e opressões de gênero e racial. Para Gonzalez (1979, p19) “O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população Negra”. A maioria vive em condições socioeconômicas precárias, em situação de pobreza, de discriminação no mercado de trabalho, assim como no sistema de saúde no educacional. Ainda nesse contexto, elas também estão expostas à violência, especialmente por conta do racismo e sexismo, que preconizam a negação de sua condição de ser mulher negra. A relevância tanto dos estudos, quanto das lutas feministas negras vêm ganhando maior visibilidade e importância, quanto mais aumentam no mundo a pobreza feminina e negra, a violência doméstica, a opressão, o desemprego e o genocídio da juventude negra. Essa percepção é visível na ampliação das formas de organização e de luta dos movimentos negros em aprovar leis em favor da igualdade racial que produziram mudanças na inserção social da população negra, apontando um “novo” significado de ser negro ou negra, que resultou no aumento da auto declaração da identidade racial com ancestralidade africana, como origem, como se verifica na PNAD,2014 em que 53% dos brasileiros se declararam pardos ou negros, diante de 45,5% que se disseram brancos. Deste modo, o direito à igualdade seja também um direito à diferença, princípios fundamentais para a construção de sociedades justas, democráticas e humanizadoras. Embora as lutas de enfrentamento ao racismo e aos estereótipos negativos relacionados principalmente, à figura da mulher negra, associados às práticas de exclusão promovidas por pessoas, entidades e organizações que impõem a população negra determinadas barreiras, impedindo-lhes assim, de ter as mesmas oportunidades que a população não negra, os negros e negras continua majoritariamente pobre, como mostram os dados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD Continua, 2019): as pessoas em ocupações informais no Brasil representam 34,6% de homens brancos e 46,9% de homens pretos ou pardos; 34,7% de mulheres brancas e 47,8% de mulheres pretas ou pardas. No campo da Educação em 2019, entre as mulheres que concluíram o ensino superior, 27% era de cor branca e 21% de cor preta ou parda. Os desafios e dilemas estruturais e conjunturais do processo político da educação e do mercado de trabalho da população negra e do contexto atual de país, são fundantes nas narrativas das histórias de vida pessoal e profissional das professoras negras como corpus da pesquisa. A UFPA (Portal), tem como missão produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade inclusiva e sustentável e como visão, ser reconhecida nacionalmente e internacionalmente pela qualidade no ensino, na produção de conhecimento e em práticas sustentáveis, criativas e inovadoras integradas à sociedade. Dentro dessa visão estratégica da UFPA, destacamos alguns princípios: a universalização do conhecimento; o respeito à ética e à diversidade étnica, cultural, biológica, de gênero e de orientação sexual; o pluralismo de ideias e de pensamento; a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esses

princípios norteiam e instigam a reflexão teórica de pensar as condições históricas que originam a exclusão de um grande segmento da população brasileira, em especial de mulheres negras, principalmente, do mercado de trabalho e da educação, entre outras, que cortam a trajetória de gerações, cruzando visões diversas sobre a participação do negro e negra na sociedade. De tal modo que, objetivando analisar o processo de construção da trajetória acadêmica das “professoras negras da UFPA, eles corroboraram com questão norteadora da pesquisa – “como as professoras negras da UFPA construíram suas trajetórias acadêmicas por meio de suas histórias de vida e dos controles racistas e sexistas da educação e se afirmaram no processo de desenvolvimento das relações entre ensino, pesquisa e extensão”? As relações sociais quando articuladas a opressão de classe, às dimensões de gênero e etnicidade difundem outro aspecto das discriminações e das desigualdades que separam as mulheres dos níveis econômico, político, cultural e ideológico, assinalando uma prática sexista, racista e de negação de direitos e oportunidades. Nessa perspectiva, constatamos que os estudos sobre o feminismo negro têm apontado que é preciso descolonizar as perspectivas hegemônicas da teoria feminista que não incluem nos estudos da exploração, dominação/opressão um conjunto de diferentes dimensões do feminismo, que apesar de uma aparente heterogeneidade ou diversidade de enfoques do pensamento, possuem como centralidade as mesmas relações de poder – desproporcionais, discriminadoras e injustas – das desigualdades de gênero, nas sociedades capitalistas. Ressaltamos, que nas últimas décadas os estudos sobre as desigualdades de gênero têm trazido mudanças de caráter estrutural e maneiras de enfrentamento à essas desigualdades. O pressuposto epistêmico pautado na concepção desenvolvida pelo Feminismo Negro de relações interconexas entre racismo, sexismo e classismo, a qual se encontra situada em três dimensões articuladas (a econômica, a política e a ideológica) e cuja análise interseccional demanda uma visão transformadora e crítica do pensamento feminista, notadamente, por bell hooks, Lélia Gonzalez e Patrícia Collins que sinalizam a interseccionalidade da opressão de gênero, de raça e de classe nos sistemas de dominação. Contudo, os feminismos que, embora com similaridade de origem diaspórica africana e do paradigma da intersecção entre classe, raça e gênero, apresentam diferenças sócio- históricas epistemológicas quanto aos processos, aos espaços, aos tempos e às trajetórias da práxis de cada teórica. Esses aportes epistemológicos analisa as opressões originárias nas relações sociais hierárquicas de poder. Segundo Gonzalez (1984) “Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados” (GONZALEZ, 1984, p. 232), ou seja, os brancos dominantes usufruem dos espaços privilegiados da cidade e do campo, enquanto os negros dominados ocupam os espaços opostos – ‘da senzala às favelas’ –, permanecendo o mesmo critério – divisão racial dos espaços. Para Collins (2019), o colonialismo, o imperialismo, a escravidão e o apartheid, como sistemas de dominação racial, determinaram o contexto político em que o pensamento das intelectuais negras se desenvolveu e demarcaram o processo histórico de convivência das mulheres de ascendência africana, seja na família, seja na comunidade, denunciando, combatendo, anunciando outros pressupostos teóricos e fortalecendo a luta das mulheres contra a exploração, a dominação e a exclusão. De acordo com a autora, - “Raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras, constituem as principais formas de opressão” - (COLLINS, 2019, p. 33). Opressão, na concepção etimológica da autora, é caracterizada como qualquer forma de situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade, sendo geradoras do racismo e do sexismo nas suas diversas dimensões. Com estes pressupostos, constatamos que tanto o racismo quanto o sexismo, assim como outras discriminações e desigualdades nas sociedades atuais, encontram-se assentados no escopo do patriarcado e do modo de produção capitalista, no qual há uma relação de dominação e exploração de quem exerce o controle sobre a produção. Ou seja, o debate e as análises sobre a concepção de classe, de raça e de gênero são importantes para a apreensão de diversas dimensões da sociedade relacionadas à realidade política, ideológica e econômica de fenômenos sociais, como o fenômeno educativo no âmbito das relações sociais de poder e de

saber. É importante sinalizar que a compreensão mais aprofundada dos processos de exploração e opressão das mulheres negras, possibilidades e limites históricos da luta e resistência a dominação racista, sexista e capitalista, estão no contexto de uma plataforma de luta política da população negra organizada, desde a escravidão, que foi impedida de sua efetividade reivindicatória pelas relações opressoras das classes dominantes que moldam os indivíduos para a naturalização, conformismo e consentimento da sujeição e subalternização, de ser menos. “Se não transformamos nossa consciência, não podemos mudar nossas ações ou demandar que os outros mudem”. (HOOKS, 2019, p.p. 67-68). O alcance da conscientização crítica é um processo complexo, pois a dominação capitalista com sua racionalidade coercitiva está em vários espaços, inclusive na educação, segmento em que encontra legitimidade nos mecanismos, procedimentos e instrumentos pedagógicos e de gestão empregados na e pela escola, tornando essa dominação mais complexa, pois atravessa as relações político- pedagógicas de produção do conhecimento, do poder interpessoal e gestor escolar, de maneira hegemônica, autoritária e discriminadora. Portanto, é fundamental contextualizar na contraposição do pensamento dessa educação de práticas educativas fragmentas e mercantilizadas, a perspectiva crítica, para entender os fenômenos sociais e relaciona-los com as forças sociais que os provocam. Dessa forma, a educação crítica dialética se contrapõem à lógica do sistema capitalista em dividir a sociedade em classes antagônicas para dominar, por meio da divisão social, sexual e racial do trabalho, excluindo ou marginalizando grande parte da população do sistema produtivo de bens e serviços. De acordo com bell hooks (2019, p.69) “Somente quando confrontarmos as realidades de sexo, raça e classe, as maneiras como nos dividem, nos diferenciam e nos opõem, [...] é que seremos capazes de participar da transformação do mundo”. Estas são algumas das reflexões que iniciaram à pesquisa.

Conclusões. O propósito da pesquisa é a investigação sobre o processo de construção da trajetória acadêmica de professoras Negras da Universidade Federal do Pará, a influência da escolarização e da formação acadêmica nas suas histórias de vida em relação aos controles racistas e sexistas da educação, além da afirmação de seu pertencimento étnico-racial no processo de desenvolvimento pessoal e estrutural na sociedade, visando contribuir com a memória histórica da UFPA, em torno do tema das reparações do passado escravista colonial e do racismo contemporâneo, buscando aprofundar o diálogo entre educadoras negras, sobre diferentes experiências de ensino, pesquisa e extensão e demandas de ações afirmativas de políticas públicas de reparação ao povo negro do Pará. Doravante, a análise no âmbito da epistemologia do feminismo negro, que possui aspectos diferenciais e consistentes de um conjunto de conhecimentos da sabedoria de grupos sociais oprimidos, é possível afirmar que este campo de saberes, ratifica a pertinência conceitual da ideia de conhecimentos subjugados e produzidos por grupos oprimidos que visam resistir as dominações, as opressões, se constituem em conhecimentos de luta e resistência. A pesquisa está em fase de conclusão das entrevistas e análise dos resultados.

Palavras –chave: mulheres negras; desigualdades; racismo; sexismo; universidade

Referencias

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2014; PNAD Contínua 2019)

BRASIL. Universidade Federal do Pará. UFPA 2020 ANO BASE EM NÚMEROS 2019. PROGEP/UFPA, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. Título original: Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da

exploração da mulher. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. Reproduzida pela Universidade Católica do Rio de Janeiro – BR.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: polícias arrebatadoras. T